

LÉXICO DA LÍNGUA FUTA-FULA DA GUINÉ-BISSAU: UMA PROPOSTA DE VOCABULÁRIO TRILÍNGUE

Mamadú Saliu Djaló¹

Gislene Lima Carvalho²

Resumo: Futa-fula é uma variedade da língua fula falada na Guiné-Bissau, país localizado na costa ocidental de África. Essa variedade é usada pelos futa-fulas e a maioria desse povo se encontra no leste do país, nomeadamente, em Bafatá e Gabú. Além disso, é possível encontrar, em algumas comunidades da diáspora, guineenses que falam futa-fula. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo organizar um vocabulário a partir dos campos lexicais da língua futa-fula utilizada pelos estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE). Para obtenção dos dados, devido ao contexto de pandemia da COVID-19, aplicamos um questionário online a dez estudantes que têm a futa-fula como primeira língua. No questionário, elaboramos nove campos lexicais, a saber: animais, alimentação, família, vestimentas, cores, profissões, sentimentos, escola e artes. Solicitamos que os participantes colocassem o referente a cada lexia na língua futa-fula. Como fundamentação teórica, para falarmos da língua futa-fula, dos futa-fulas e dos seus costumes, trazemos Tambá e Timbane (2020), Hampaté Bá (2013). Para fundamentar os estudos lexicológicos, usamos Pontes (2009) Alves (2001), Fromm (2003) e Welker (2004) e para os campos lexicais, consideramos Nunes (2018). Após as análises, organizamos um vocabulário trilingue com as lexias e suas correspondentes em português – futa-fula – guineense.

Palavras-chave: Campos lexicais. Léxico. Futa-Fula. Guiné-Bissau

Abstract: Futa-fula is a variety of the Futa language spoken in Guinea-Bissau, a country located on the west coast of Africa. This variety is used by the futa-fulas and most of these people are found in the east of the country, namely, in Bafatá and Gabú. In addition, it is possible to find, in some communities of the diaspora, Guineans who speak futa-fula. Therefore, this study aims to organize a vocabulary from the lexical fields of the Futa-Fula language used by Guinean students at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (Unilab-CE). To obtain the data, due to the context of the COVID-19 pandemic, we applied an online questionnaire to ten students who have Futa-Fula as their first language. In the questionnaire, we elaborated nine lexical fields, namely: animals, food, family, clothing, colors, professions, feelings, school and arts. We asked the participants to put the referent to each lexia in the Futa-Fula language. As a theoretical basis, to speak of the Futa-Fula language, the Futa-Fula and their customs, as well as the lexicon, lexicography and lexical fields, we consider Nunes (2018), Tambá, Timbane (2020), Hampaté Bá (2013), Pontes (2009) Alves (2001), Fromm (2003) and Welker (2004), among others. After the analyses, we organized a trilingual vocabulary with the lexias and their correspondents in Portuguese – futa-fula – Guinean.

Keywords: Lexical fields. Lexicon. Futa-Futa. Guinea Bissau

Duitugol³: Pular futa Ko fedde pular wouletedho Guiné-Bissau, leidi wondi Ka hello África ocidental. N'gal dengal fulbhe-futaben hutorta, bhê fulbhe non ka Guiné-Bissau, bhê burri

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: mamasaliu19@gmail.com

² Orientadora. Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

³ Resumo na língua futa-fula produzido a partir dos conhecimentos do autor, falante da língua.

hêwude Bafatá kanhun ê n'gabú. Si dundhon fidji, se bhê fulbhe yahi ê leidhe godhê, bhê woulai gal dengal. Ko dun wadi ka der dê gollê, men modjinai deutun holirun ko honô bê fulbhe nodirtha pidjidi wondi ka aduna, kanhun hê indhê yimbhêben. Fi famugol dun, men falano wahugol ka sudo mabhê, kono bai ówattu nhau nô wódi ka aduna, men yahani, konô men wadu landê ko honô bhê nodirta pidji djenai fi: culê, nhameté, mussidal, metchê kanhun ê goddi. Bhebê men landi bem fop ko fulbê wonubê Brasil-CE, djguibhê dúbi nogai e djai há tchapandê nai. Fi famugol fi pidji herodirdi ê gollê amanden, men hutor ê gollédji goddi wanô: Nunes (2018), Tambá, Timbane (2020), Hampâté Bá (2013), Pontes (2009) Alves (2001), Fromm (2003) e Welker (2004), kanhun hê wobhê gó. Bai men fâmi ko hona bhê fulbhe nodirta di pidji, men mondjini, madhun men holiri ko honô dengal portô kanhun hê dengal bissaugal nodirta di.

Bindi burdi modjudê: Indhédi. Pular-futa. Guiné-Bissawu.

1. Introdução

Antes da chegada dos colonizadores portugueses à Guiné-Bissau, existiam várias línguas locais no país. E com a chegada deles, em 1446, essas línguas começaram a perder força em detrimento do português que, posteriormente, após a independência, passou a ser língua oficial. Tendo em conta a convivência entre as línguas no território guineense e a grande disseminação de guineense e o prestígio do português no país, hoje em dia percebe-se influências destas línguas nas línguas locais, principalmente no nível lexical. Por essa razão, neste artigo, abordaremos a língua futa-fula, língua étnica de Guiné-Bissau.

Falar a língua futa-fula continua sendo um grande desafio entre a camada juvenil que a tem como língua materna. Assim, constata-se com frequência na fala dos jovens estudantes ou com conhecimento dessa língua o uso de certos elementos léxicos para substituir outros, como exemplo, substitui-se a lexia “*bába*” (de futa-fula) por “*papá*” (de guineense), considerado de maior prestígio entre a juventude, pois há uma ideia generalizada de que quem usa a lexia *bába* para chamar o seu pai seria uma pessoa atrasada. Dessa forma, a futa-fula, com o passar do tempo, poderá ter seu léxico fortemente influenciado pela língua guineense e pelo português.

Diante desta forte influência devido à convivência com o guineense, o português e as demais línguas étnicas, procuraremos, com este trabalho, ampliar a discussão sobre a força política e social do léxico da língua futa-fula da Guiné-Bissau, a partir dos campos lexicais, no contexto da juventude guineense. A comunidade que consultamos constitui-

se por estudantes guineenses da UNILAB-CE⁴, da etnia fula, em especial os que têm a variante futa-fula como língua materna. Mas antes de aplicar o formulário, indagamos as seguintes questões: Como realizar um levantamento das palavras da língua futa-fula?

De que forma representar/mostrar os campos lexicais da língua futa-fula? Como construir os campos lexicais da língua futa-fula com o equivalente nas línguas portuguesa e guineense (português/fula/guineense)?

À vista disso, o objetivo geral do nosso trabalho é organizar um vocabulário da língua futa-fula utilizadas pelos estudantes guineenses na Unilab-CE, que a têm como língua materna, a partir da organização dos campos lexicais. Especificamente consideramos três objetivos: primeiro, estabelecer os campos lexicais envolvidos na língua futa-fula. Segundo, organizar um vocabulário das expressões dessa língua em campos lexicais com o equivalente em língua portuguesa e guineense (português/fula/guineense). Terceiro, investigar o tipo de lexias utilizadas e suas características, como ausência de lexias correspondentes ou variação entre as lexias apontadas pelos falantes.

Sendo assim, partiremos do pressuposto de que os campos lexicais podem se manifestar de diferentes formas: campo lexical das relações interpessoais, campo lexical da escola, de religião, dos sentimentos, das artes, dos animais, do alimento, da vestimenta, da cor, da profissão etc.

Existem diversos estudos sobre campos lexicais. Destacamos o levantamento dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará (NUNES, 2018); sobre o léxico latino terminológico: relações de precisão (OLIVEIRA, 2017); o léxico do português: perspectiva geral (VILELA, 1997). No entanto, não encontramos estudos sobre o léxico da língua futa-fula da Guiné-Bissau.

Tendo em vista que os trabalhos sobre o léxico da língua futa-fula são escassos e, pelo fato de ser uma língua de base oral, nós como graduandos do Curso de Letras-Língua Portuguesa, vimos a necessidade de realizar um estudo voltado ao levantamento do léxico dessa língua. Acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir de forma satisfatória para organização de um vocabulário da referida língua, o que seria de grande relevância para sua preservação, assim, podemos ajudar para que permaneça viva e reavive a memória linguística dos seus falantes.

⁴ A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) possui *campi* localizados no Ceará e na Bahia. O corpo discente é formado por estudantes brasileiros e dos países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Além disso, o presente trabalho contribuirá com um material para a comunidade futa-fula e outras comunidades que dele poderiam se interessar no que diz respeito ao estudo, à pesquisa e ao ensino. Assim, à comunidade acadêmica seria também de boa utilidade, em particular à Unilab, que é uma instituição universitária em que se verifica uma situação de multilinguismo, por conta de sua parceria com os países da língua oficial portuguesa, principalmente os do continente africano.

Estruturamos o nosso trabalho de seguinte maneira: no primeiro momento, apresentamos a língua futa-fula, os seus falantes e os seus costumes; no segundo, fizemos uma breve discussão sobre o léxico, a lexia, a lexicografia e os campos lexicais; no terceiro, discutimos a diferença entre dicionário, glossário e vocabulário; no quarto, expomos a metodologia usada para levantamento dos dados; quinto, discutimos e analisamos os dados; por fim, apresentamos o vocabulário por campos e em ordem alfabética, seguido das considerações finais.

2. A língua futa-fula, os futa-fulas e os seus costumes

É importante frisar que o nosso foco não é mostrar os costumes desses povos, mas entendemos que faz todo sentido, ao falarmos do léxico de futa-fula, apresentar essa língua, os seus falantes e os seus costumes, pois, como disse Sousa (2007), conforme citado por Nunes (2018, p.52) “[...]estudar o léxico de uma comunidade é destoldar seus costumes e práticas sociais, sua história, suas manifestações mítico-religiosas, seus ideais, seus valores[...]”. Para Antunes (2012), as pessoas conseguem detectar a origem do nosso pertencimento a uma comunidade linguística ao usarmos uma palavra.

Concordamos com a fala dos autores, pois podemos confirmar isso nas variedades de fula existentes na Guiné-Bissau, por exemplo o uso das lexias *nhamacu* e *guilê* para falar de uma mesma coisa (em português, os dois itens lexicais significam pimenta malagueta) leva-nos a perceber, pela realidade linguística local, que uma pessoa que usa a palavra *nhamacu* é falante da variedade futa-fula; enquanto quem usa *guilê* é falante da variedade de fula de Gabú. Além disso, “A língua está intimamente ligada à cultura, porque muitos aspectos da língua só podem ser interpretados dentro de um contexto cultural. (Mahadi et al, apud TAMBÁ e TIMBANE, 2020, p.90).

Desse modo, como falamos anteriormente, no presente trabalho, estudaremos a variedade futa-fula, uma variedade falada na Guiné-Bissau, país que fica localizado na

costa ocidental de África com uma superfície total de 36.125 km². Faz fronteira a Norte com a república de Senegal, a Sul com a Guiné Conacri (ambos países francófonos⁵) e a oeste com o Oceano Atlântico. O território guineense é composto por oito regiões e um setor autónomo, que é a capital (Bissau).

Segundo Cá e Rúbio (2018, p.391), a Guiné-Bissau “ [...]tem 36 setores divididos administrativamente nas suas pequenas bases chamadas de secções, as quais são ramificadas em aldeias, chamadas localmente de tabancas[...]”. Ainda conforme os autores, o país conquistou sua independência em 1973, no dia 24 de setembro, e passou a ser reconhecido por Portugal (país colonizador) no dia 10 de setembro de 1974.

A Guiné-Bissau é um país com uma diversidade linguística e cultural muito rica, pois há muitas etnias no território guineense, cada uma delas com sua própria língua. Aliás, como dizem Cá e Rúbio (2018), citando o censo de 2009, último realizado no país, existem atualmente entre 27 e 40 grupos étnicos, e as etnias com maior expressão na Guiné-Bissau são:

A Fula (28,5%), que vive essencialmente no leste do país, em Gabu e Bafatá, seguida da etnia Balanta (22,5% da população), que se encontra principalmente nas regiões sul (Catió) e norte (Oio); a Mandinga, com 14,7%, no norte do país; a Papel, com 9,1%, e a Manjaca com 8,3%. Com expressão mais reduzida, encontramos ainda as etnias Beafada (3,5%), Mancanha (3,1%), Bijagó (que vive no Arquipélago dos Bijagós e representa 2,15% da população total), Felupe, com 1,7%, Mansoanca (1,4%) e Balanta Mane com 1%. As etnias Nalu, Saracole e Sosso representam menos de 1% da população guineense e 2,2% assumem não pertencer a qualquer etnia (INEC, 2009, apud CÁ e RÚBIO, 2019, p.392).

Sendo assim, vamos constatar em algumas comunidades Bissau-guineenses cada etnia com a sua língua materna e, além dessa língua materna, há uma língua que é o guineense, uma língua franca nacional que as pessoas de etnias diferentes usam para se entenderem uns aos outros. A etnia Fula, portanto, tem a língua fula como língua primeira e o guineense como língua segunda ou adicional.

A lexia futa-fula deriva de *fulbe futa*, que significa fulas oriundos de futa. Os futa-fulas são conhecidos como grandes mestres de alcorão. Além disso, desempenham atividades de comércio, agricultura, pastagem de animais e muito mais. Trata-se de um grupo étnico com uma cultura muito rica, principalmente em termos de músicas, que são tocadas por meio de vários instrumentos musicais, tais como: *djimbe*, *lalagal*, *hordê* etc. Com isso, proporcionam-se toques e cânticos acompanhados de vários tipos de dança. As

⁵ Países que têm a língua francesa como língua oficial.

músicas são cantadas em língua fula e muitas vezes retratam os acontecimentos na sociedade.

De acordo com a tradição desse povo, quando uma pessoa nasce numa família, os pais organizam uma cerimônia com a finalidade de dar nome à criança, para a qual os anciões, vizinhos e conhecidos são convidados. Por volta dos seis a sete anos de idade, a criança começa a aprender o alcorão, como se narra a seguir:

(...) Quando cheguei a idade de 7anos... meu pai veio me buscar e levou-me até a casa de Tierno Kounta. Minha mãe nos seguia com duas cabaças. Chegamos a entrada da casa, meu pai pronunciou a saudação muçulmana: assalamo aleikum!(Que significa a paz esteja convosco!) ... Tchern Kounta saiu e disse: wa aleikum salaam!(E convosco também!)... “Tierno Kounta”, disse meu, “ a nossa visita pela manhã tão cedo não significa nada desagradável”! “Que bom seja assim! Recebo a vossa visita de braços abertos.” “Nosso filho Amadou chegou a seu sétimo ano. Nós trazemos a você para que lhe ensine o alcorão como exige a lei muçulmana(...) (Hampâté Bá, 2013; p. 135-136).

Os pais que não têm domínio do alcorão levam os filhos para casa dos sábios. Em algumas comunidades, esses sábios são responsáveis das mesquitas⁶, nas quais dirigem as rezas e fazem palestras sobre a religião muçulmana. Além das atividades nas mesquitas, eles têm também papéis fundamentais na sociedade, dentre os quais podemos citar a *humugol deugal*, que na língua futa-fula significa validar casamento de duas pessoas que querem formar uma família. Uma outra contribuição dos sábios é *wadugol duá* (fazer um pedido para que reine paz, benção na família), ou seja, fazem prece pedindo benção para os casais e a comunidade.⁷

Conforme Djaló (2021), Assim como as outras línguas locais, ao lermos a Constituição da República Guineense, percebe-se que não há nenhuma referência à língua futa-fula; apesar disso, as rádios comunitárias desempenham papel fundamental para sua difusão, visto que disponibilizam espaços radiofônicos, com o intuito de informar a população sobre os assuntos de atualidade. Já na televisão nacional, não existe um espaço para difusão dessa língua, pois as entrevistas ou reportagens que acontecem em futa-fula são editadas e apresentadas em português ou guineense e os futa-fulas que não têm domínio de português ou guineense (geralmente pessoas sem escolaridade formal e de maior idade) acabam não percebendo o teor da informação/reportagem. Sendo assim, o direito linguístico desse povo não foi respeitado, pois, de acordo com o Artigo 37.º da

⁶ Local onde os fiéis muçulmanos praticam as cinco orações diárias.

⁷ Para mais informações sobre a língua fula, consultar Moura 2007 << https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3220/1/2007_RicardoWashingtonDeSousaMoura.pdf >>

Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, “[...]Todas as comunidades linguísticas têm direito a obter, através dos meios de comunicação, um conhecimento profundo do seu património cultural (história e geografia, literatura e outras manifestações da própria cultura) [...]” (UNESCO, 1996, p.10).

Depois dessa discussão referente à língua futa-fula, os futa-fulas, assim como os seus costumes, passaremos para a próxima seção, com o intuito de apresentar uma breve discussão sobre o léxico, a lexicografia e os campos lexicais.

3. Uma breve discussão sobre o léxico, a lexicografia e os campos lexicais

Segundo Antunes (2012), podemos afirmar que o léxico de uma língua é um conjunto de palavras usadas pelos indivíduos de uma determinada comunidade linguística com o intuito de se comunicarem. Por seu lado, Pontes (2009, p.18) defende que podemos definir o léxico de uma língua “[...]como um conjunto de palavras, vistas em suas propriedades, tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos gramaticais diversos, informações etimológicas[...]”. Dessa forma, ao estudarmos o léxico de qualquer língua, não podemos abandonar a gramática, pois a gramática e o léxico são interdependentes, em outras palavras, um não pode existir sem outro (ANTUNES, 2012). Concordamos com a observação de Antunes, pois se uma pessoa dominar somente o léxico de sua língua, sem internalizar a gramática, com certeza, essa pessoa ao falar produzirá frases agramaticais e, pelo contrário, se dominar o léxico e internalizar a gramática, terá oportunidade de proferir discurso que poderá ser interpretado por todas as pessoas que dominam aquela língua.

Nunes (2018) defende que é por meio do léxico que denominamos tudo que existe no mundo, seja numa perspectiva concreta ou abstrata, os aspectos culturais de uma comunidade de falantes são revelados; pois trazem consigo os significados capazes de expressar informações, opiniões, fatos sobre o mundo que os rodeia, sendo o reflexo de suas tradições. Assim, além da estrutura gramatical e lexical, os aspectos culturais devem ser considerados.

De acordo com Antunes (2012), no estudo do léxico, é comum encontrar dois processos, o de deslexicalização e o de lexicalização. O primeiro acontece quando o uso de uma palavra é abandonado por maior parte da comunidade linguística. No guineense, encontramos o exemplo desse processo no uso de *na* e *nhã* (meu ou minha), visto que,

atualmente, boa parte dos falantes não utilizam a lexia *na*. Por seu turno, a lexicalização, conforme a autora, ocorre quando as comunidades linguísticas decidem criar novas palavras, com a finalidade de nomear certas coisas. E nesse processo, eles podem recriar palavras existente nas suas línguas, assim como se apropriar de palavras de outras comunidades linguísticas.

Pontes (2009), concorda com a ideia de Antunes e apresenta duas afirmações: primeiro, afirma que esse processo “[...] é um recurso usado freqüentemente nas terminologias[...]”; segundo, no processo de lexicalização, a derivação e composição desempenham papel fundamental na criação que ele chama de “neologismos”, criação de novas palavras. Como exemplo, essa passagem fez-me⁸ recordar do que aconteceu no meu país. Certa vez, estava conversando com o meu avô, ele explicava que tinha conversado com alguém no telefone fixo. Dessa feita, para diferenciar o celular de telefone fixo, ele usou a lexia/neologismo *teleboguel*, (*tele+boguel*) que em português podemos traduzir como telefone de corda. No exemplo anterior, a lexia *teleboguel* foi criado a partir de outros já existentes *tele+boguel*. Sendo assim, ao estudarmos o léxico de qualquer língua, vamos constatar o surgimento de novos itens lexicais, a junção de vocábulos de outras línguas e muito mais.

Pontes (2009), argumenta que podemos distinguir o léxico em duas categorias principais: a primeira, é o léxico geral que tem por finalidade estudar as palavras que podemos aplicar a qualquer que seja o contexto do discurso. Ao passo que a segunda é o léxico de especialidade, diferente da primeira, pois, é bem limitada e estuda apenas palavras que podem ser aplicadas num único contexto discursivo. Ainda conforme o autor, se formos analisar as disciplinas que estudam o léxico, encontraremos várias, como por exemplo, a lexicologia e lexicografia. A primeira que “[...] é a disciplina responsável pelo estudo das palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos[...]” (PONTES, 2009, p.18). Além disso, para Lehmann e Martin-Berthet (1998), conforme citado por Pontes (2009, p.18), “[...] a lexicologia tem por tarefa estabelecer a lista de unidades que constituem o léxico e descrever as relações entre estas unidades[...]”. Ao passo que a lexicografia é uma disciplina que surgiu graças a lexicologia (Pontes, 2009). Desse modo, podemos defini-la de seguinte maneira:

⁸ O uso da primeira pessoa do singular neste trecho justifica-se pelo pertencimento do pesquisador à etnia Fula e ao fato de ter a língua futa-fula como língua primeira.

Uma disciplina do âmbito da linguística aplicada, que se preocupa com os problemas teóricos e práticos que dão suporte à elaboração de dicionários[...] Há uma lexicografia prática e uma lexicografia teórica (ou metalexicografia). A primeira define-se como uma disciplina que diz respeito ao fazer lexicográfico, a confecção de dicionários[...] (HERNÁNDEZ, 1989 apud PONTES, 2009, p.20).

Este trabalho se insere no âmbito da lexicologia, pois partiremos de lexias simples e compostas para a organização de um vocabulário trilingue. Ora, no que concerne à lexia, de acordo com Dubois et al (apud NUNES, 2018, p.54), podemos defini-la como uma “[...] unidade de comportamento léxico. Opõe-se a *morfema*, menor signo linguístico, e a *palavra*, unidade mínima construída[...]”. Ou seja, “as lexias são unidades funcionais significativas de comportamento linguístico, podendo constituir-se de um único lexema ou de uma sequência lexemática, uma palavra” (POTTIER, 1978 apud NUNES, 2018, p.54). Ainda de acordo com Nunes (2018), é através dessa definição que Pottier organiza uma classificação para as lexias que podemos resumir de seguinte maneira:

As lexias simples que “dizem respeito à palavra ou à menor unidade lexemática, que pode estar em sua forma mais simples ou derivada” (p. 54) (exemplos: cabra, casa, bola, caderno, caneta). Por seu lado, as lexias compostas “são caracterizadas pelas integrações semânticas entre palavras ou vocábulos, em outras palavras, é a união de lexias simples e derivadas e essa união pode acontecer aglutinação ou justaposição para uma composição polilexemática”. (p. 55) Por exemplo: cabra preta, casa nova, bola de meia, caderno de português, caneta azul). Já as lexias complexas, como o nome indica, são as mais complexas de que as anteriores, ou seja, são:

[...] sequências estereotipadas em processo de lexicalização; uma construção polilexemática, com dois ou mais lexemas, fixada a partir de sua recorrência na língua e que assume o status de uma significação única, pois o significado é inerente a essa construção, por exemplo: tirar o leite, selar o cavalo. (Pottier 1978, apud NUNES, 2018, p.55).

Por último, as lexias textuais, em termos da estrutura, são as mais longas em relação às anteriores. Dessa forma, as lexias complexas abrangerem

[...]o nível de um enunciado ou de um texto; também considerada polilexemáticas por reunir um número indeterminado de lexemas que assumem a condição de estrutura fixa na língua pela recorrência de uso (exemplo: todo dia tem que tirar o leite da vaca e das cabras, selar o cavalo para começar a lida). (Pottier 1978, apud NUNES, 2018, p.55)

Com base no *corpus* organizado para esta pesquisa, trataremos apenas das lexias simples e compostas, organizando-as em campos lexicais. Conforme Nunes (2018), podemos afirmar que o estudo dos campos lexicais não é algo novo, pois era um assunto abordado há muitos anos. Sendo assim, os primeiros estudos serviram de alicerce para os trabalhos atuais. Segundo Biderman (1981, *apud* NUNES, 2018, p.78) os campos lexicais

são partes de um todo chamado rede semântica, ou seja, as realidades linguísticas podem ser consideradas grandes redes de significação que agrupam campos lexicais que, por sua vez, reúnem as lexias que compartilham de afinidades semânticas, lexicais e discursivas específicas.

Portanto, podemos concluir que os campos lexicais são conjuntos de vocábulos de uma língua que estão interligados por dividirem afinidades dos seus significados. Além disso, eles apresentam vários traços. Podemos citar como exemplos o campo lexical da saúde (médico, enfermeiro, soro, medicamento, cirurgia...); campo lexical do desporto (bola, zagueiro, goleiro, tiro de meta...), entre outros.

Pelo exposto, realizamos essa pesquisa com o propósito de organizar e registrar parte do léxico da língua futa-fula de Guiné-Bissau e compreender a ocorrência de processos como a deslexicalização e lexicalização (neologismo), uso de estrangeirismos, presença de lexias simples, compostas, complexas e textuais, bem como identificar aspectos relacionados à cultura fula e que são perceptíveis em seu léxico.

Visto que organizaremos um vocabulário da língua futa-fula, faz-se importante definir o que entendemos por vocabulário e a distinção deste para os termos dicionário e glossário.

Conforme já discutido, a organização do léxico de uma língua pode ser feita em dicionários, glossários ou vocabulário. Fromm (2003, p.2), defende que o dicionário “está presente no nível do sistema linguístico e trabalha com todo o léxico disponível na língua e o léxico virtual”.

No que se refere a glossário, buscamos a definição no Dicionário da Academia Brasileira de Letras, que o define como:

[...] Dicionário em que se dá significação de palavras antigas ou pouco conhecidas[...] Vocabulário de termos técnico ou específicos de uma arte, de uma ciência, de uma obra: glossário de artes plásticas, glossário de botânica[...]Pequeno vocabulário que configura como apêndice elucidativo dos termos usados por um autor ou em uma obra[...]

Portanto, podemos perceber que o dicionário é mais amplo que o glossário, pois, no dicionário, há um número considerável de palavras de uma língua, organizadas em ordem alfabética com os respectivos significados. Sendo assim, ele pode apresentar vários traços, pois é comum encontrarmos um dicionário bilíngue (traduzido de uma língua para outra), impresso, digital, entre outros.

Por sua vez, o glossário é um modelo de dicionário que contém palavras desconhecidas. Ele tem grande importância, pois em cada área de conhecimento facilita o leitor na compreensão de um texto ou assunto. Por exemplo, numa obra literária, o autor pode criar palavras desconhecidas por seus leitores e no final do texto ele apresenta o glossário para situar o leitor. Aliás, como argumenta Faulstich (1995), conforme citado por Alves (2001, p.32), “[...] Denomina-se glossário um dicionário que contém sob forma de simples definições (ou traduções) as significações das palavras raras ou pouco conhecidas[...]”.

Ainda conforme a autora, glossário é um “[...] repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas[...]”. Dessa maneira, ao analisarmos um glossário, não vamos constatar um único tipo, pois ele pode apresentar vários traços. Por exemplo, glossário da medicina apresenta as definições dos termos ligados à medicina; glossário acadêmico é um tipo de glossário que apresenta os conceitos dos termos utilizados pelo autor num trabalho; glossário bilíngue organiza o conceito das palavras de uma língua para outra com a finalidade de facilitar o leitor na compreensão dos assuntos, entre outros.

Welker (2004, p.24), ao mencionar a definição feita no dicionário Aurélio sobre a lexia vocabulário, argumenta que podemos conceituar vocabulário como:

- a) Conjunto das palavras de uma língua, ou seja, como sinônimo de léxico[...] Porém, entende-se por vocabulário algo mais restrito [...]; b) Conjunto das palavras em certo estágio da língua [...]; c) Conjunto das palavras especializadas em qualquer campo de conhecimento ou atividade; nomenclatura; terminologia; d) Conjunto das palavras e expressões conhecidas e/ou empregadas por pessoa(s) de determinada faixa etária, social etc.

À vista disso, ao consultarmos o vocabulário de uma língua, de acordo com o autor, detectaremos palavras usadas em diversas áreas, bem como, por pessoas diferentes, por exemplos, vocábulos proferidos por jovens e adultos. Neste sentido, vocabulário não é entendido como sinônimo de léxico geral, mas como um recorte deste. Neste artigo, coadunamos com a definição na alínea “d”, pois traremos um conjunto de palavras

empregadas por estudantes guineenses da etnia fula de Guiné-Bissau e que têm a futa-fula como primeira língua, demonstrando determinado estágio da língua, conforme definição de Welker no item “a” da citação anterior.

Para a presente pesquisa, portanto, produzimos um vocabulário trilingue, pois apresentamos vocábulos da língua futa-fula com conceitos equivalentes apresentados em língua portuguesa e língua guineense. Passaremos para o próximo tópico, no qual apresentaremos a metodologia aplicada.

4. Procedimentos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como qualitativo, pois conforme Silveira e Córdova (2009, p.31-32),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...]Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas[...]

Assim caracterizamos, visto que não temos intenção de quantificar os dados, mas sim compreender aspectos da língua futa-fula através da organização de seu léxico. Em relação aos objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, pois a pesquisa desenvolveu-se com os seguintes estágios propostos por Gil (2007): inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico acerca do tema. Para a pesquisa de campo, aplicamos questionários com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, neste caso, falantes da língua futa-fula. E, a partir dos dados, analisamos exemplos para a compreensão e registro do léxico da língua estudada.

A vista disso, fizemos um levantamento das lexias dos estudantes guineenses no Brasil, em especial, os da UNILAB-CE (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), que têm futa-fula como língua materna. Para coleta dos dados, consideraremos dois momentos, sendo que no primeiro momento, fizemos levantamento dos estudantes futa-fulas na UNILAB-CE e produzimos um questionário⁹ que foi respondido por 10 pessoas. No que se refere à faixa etária dos informantes, varia de 25 a 40 anos. Já no segundo momento, após a resposta dos participantes na pesquisa, produzimos um vocabulário dessas das lexias em campos lexicais com o equivalente em

⁹ Aplicamos o questionário via Google Formulários devido ao atual contexto que o mundo se encontra de pandemia de COVID-19.

língua portuguesa, futa-fula e guineense. Cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido para o preenchimento do questionário.

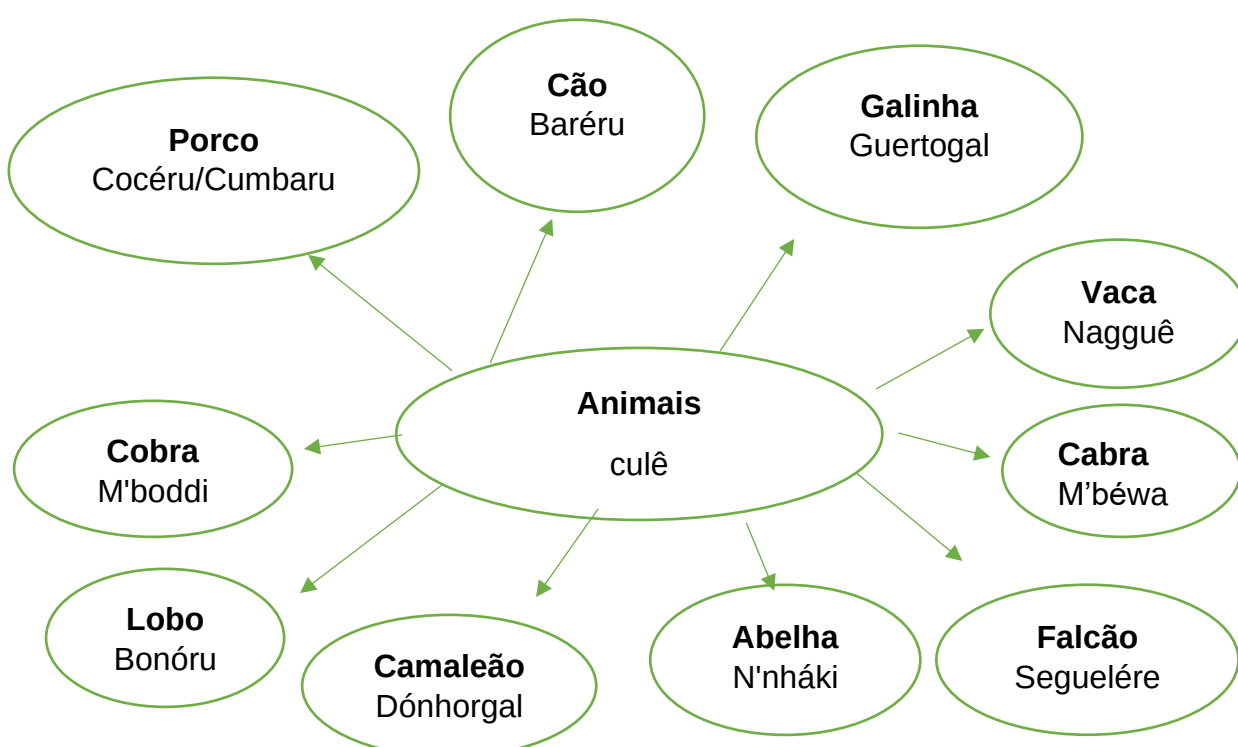
Delimitamos os seguintes campos lexicais para a organização do léxico: animais, alimentação, família, vestimentas, cores, profissões, sentimentos, escola e artes. Para cada campo, foram selecionadas de cinco a dez lexias. Os itens lexicais foram apresentados em português e os participantes, no questionário, apontavam quais lexias utilizam para denominar em futa-fula os nomes solicitados.

A nosso ver, fazer um levantamento do léxico e organizar um vocabulário pode ser uma maneira de manter a língua viva e ajudar os falantes a conhecerem melhor sua língua e cultura, além de contribuir para o registro de uma língua de base oral.

5. Resultados e Discussões: organização dos campos lexicais

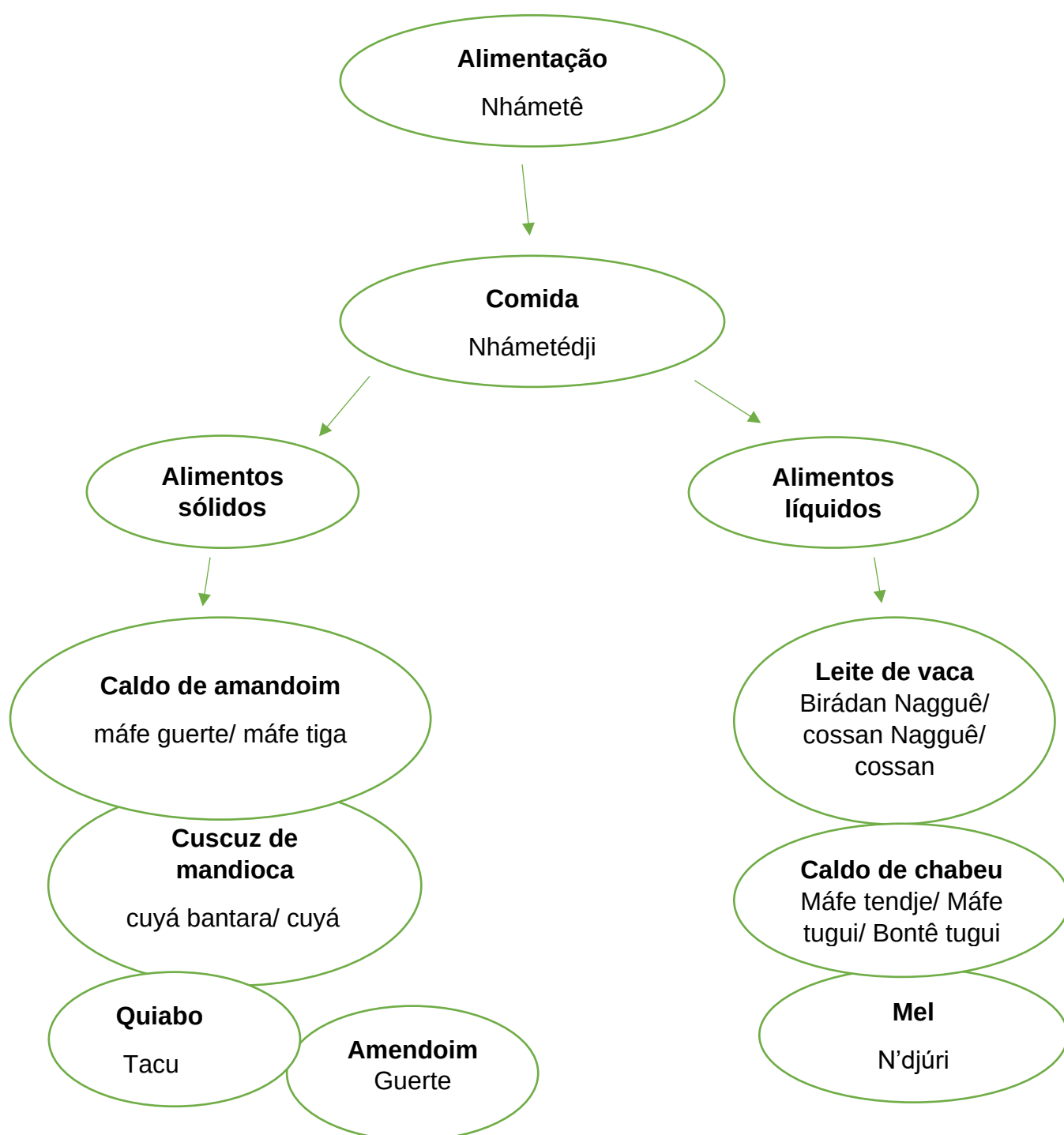
Como apresentamos na metodologia do nosso trabalho, o nosso questionário foi respondido por 10 informantes e nessas respostas, é possível observar que esses informantes são pessoas multilíngues, pois, além de falarem a língua futa-fala, eles têm domínio de outras línguas, por exemplo: guineense, português, francês, inglês, árabe e espanhol.

Organizamos as respostas, como podemos observar nos campos lexicais a seguir, iniciando pelo campo dos animais.



Para a organização do campo, tomamos como base dez lexias de nomes de animais apresentadas pelos nossos participantes. Não houve lexia sem correspondente neste campo. No entanto, encontramos uma variação para a lexia *porco*, pois, alguns participantes usam a lexia *cocéru* e outros *cumbáru* para se referir ao animal. Acreditamos que essa variação ocorre devido à diferença de idade dos participantes, o que demonstra um processo natural de variação comum às línguas naturais, deslexicalização, quando uma palavra deixa de ser utilizada e/ou perde o significado e lexicalização, quando um novo item lexical é criado, conforme Antunes (2012) apontada em nosso referencial.

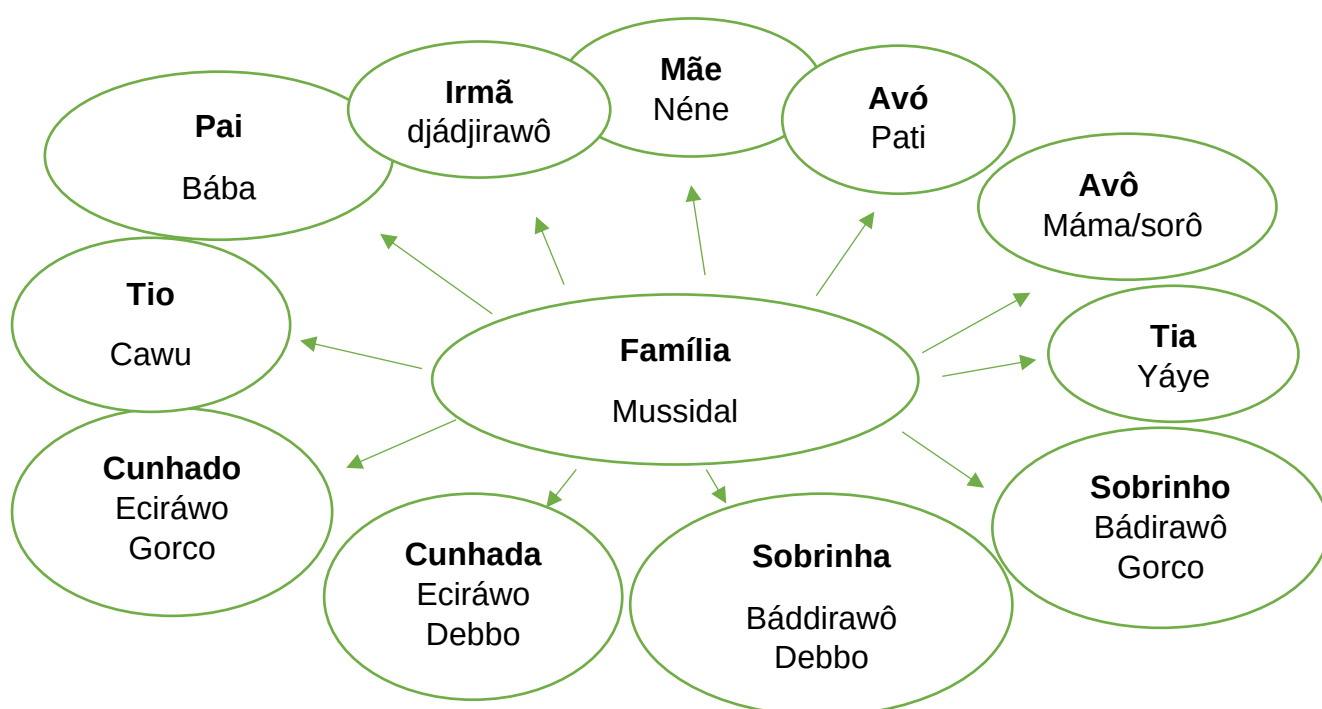
A seguir, passamos para o campo da alimentação, que subdividimos em alimentos líquidos e sólidos.



Aqui, a princípio, propomos, em português, oito lexias de alimentos líquidos e sólidos: a lexia genérica comida e os alimentos: caldo de amendoim (mancara), ¹⁰caldo de dendê (tcheben), cuscuz de mandioca, leite de vaca, amendoim (mancara), quiabo e mel. Nas respostas, conseguimos o significado de todos as lexias na língua futa-fula. As respostas apresentaram variação em quatro lexias.

A primeira variação refere-se ao caldo de amendoim para o qual os falantes da língua futa-fula utilizam *máfe guerte* ou *máfe tiga*. Na segunda variação, constatamos que eles usam as lexias *cuyá bantara* ou *cuyá* para nomear o cuscuz de mandioca. Uma outra variação possível nesse campo de alimentação é a lexia leite de vaca que eles chamam de *Birádan Nagguê*, *cossan Nagguê* ou *cossan*. A quarta e última variação constatada é o uso da lexia caldo de dendê, pois constatamos que eles usam as seguintes lexias para se referirem o caldo de dendê: *Máfe tendje*, *Máfe tugui*, *Bontê tugui*.

Passamos, então, para o campo relacionado aos membros da família.



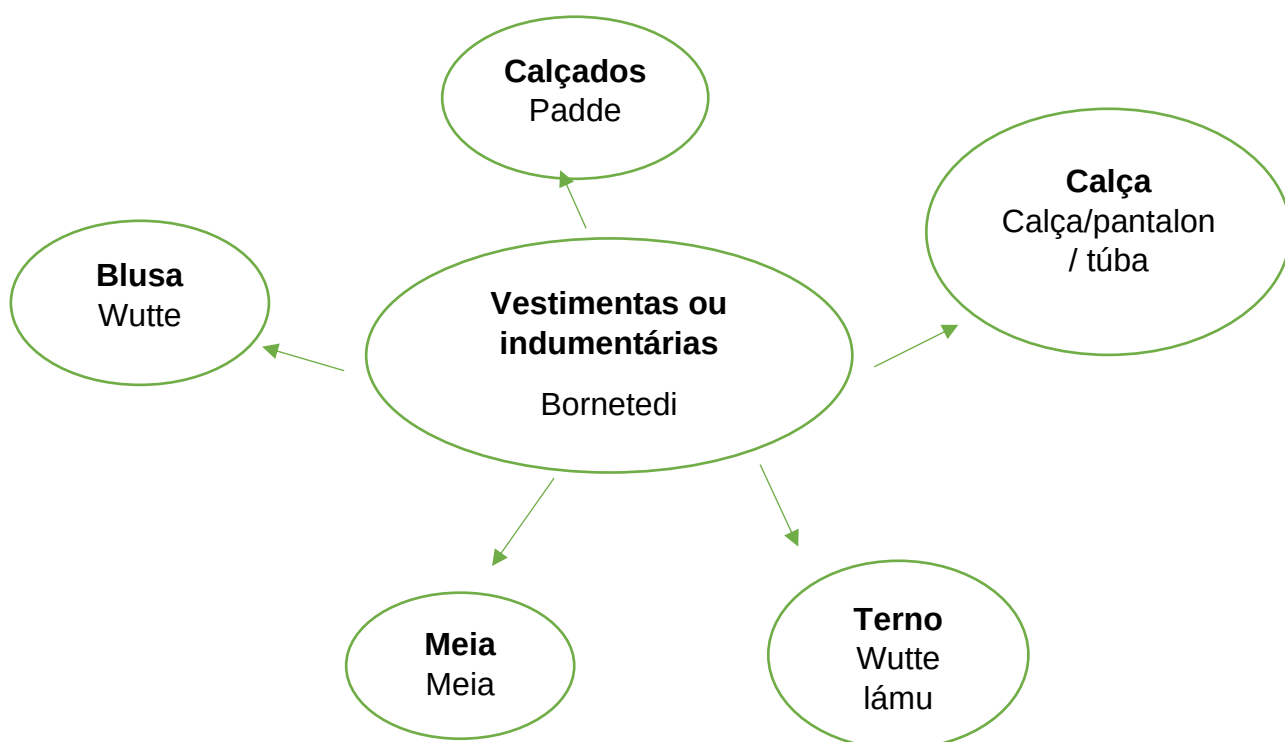
Para este campo, selecionamos onze lexias, nomeadamente: pai, mãe, avó, avô, tio, tia, irmã, esposa, cunhado/a, marido, sobrinho/a. Nas devolutivas, conseguimos os significados de todos as lexias/vocabulários. No que se refere à variação, encontramos

¹⁰ Os itens lexicais entre parênteses se referem à palavra em guineense, ou seja, como a comida é conhecida e nomeada na língua franca de Guiné-Bissau.

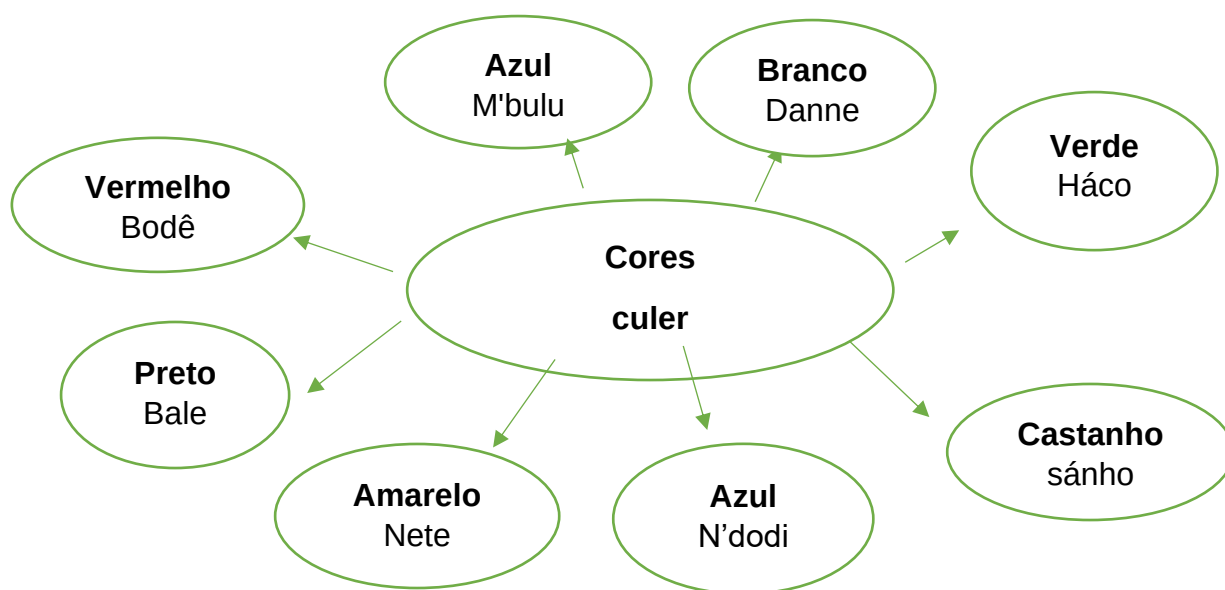
uma única ocorrência, a menção à lexia avô, pois, segundo os participantes da pesquisa, pode-se usar *Máma* ou *soro*, para se referir à avó.

Além disso, detectamos a marcação de gênero com o acréscimo de uma nova lexia. Para se referir a sobrinho, na língua futa-fula, utiliza-se a lexia composta *Bádirawô Gorco* e para sobrinha, a lexia é *Báddirawô Debbo*. Gorco significa homem e debbo se refere à mulher. Esta regra também se aplica a cunhado e cunhada, *Eciráwo Gorco* e *Eciráwo Debbo*, mas não a mãe/pai, tia/tio, avó/avô, que mantêm uma lexia simples diferente para cada gênero.

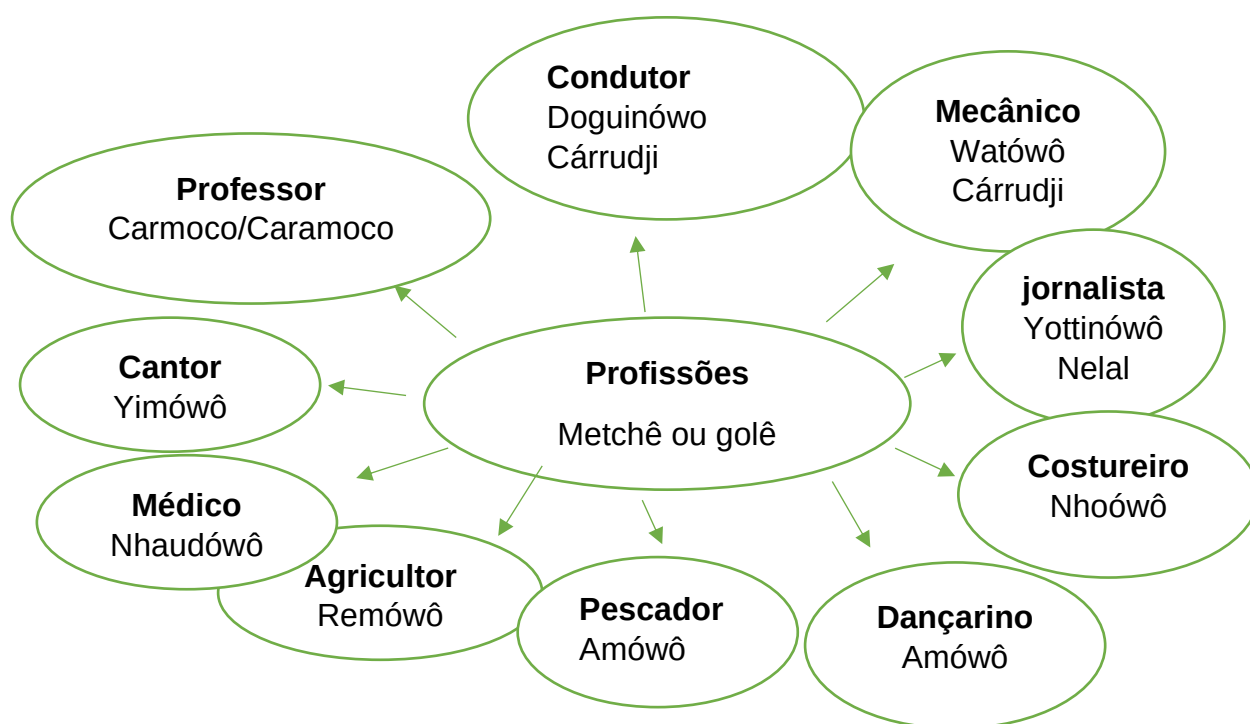
Na sequência, discutiremos o campo das vestimentas ou indumentárias.



No que tange aos campos lexicais de vestimenta, selecionamos as seguintes lexias: blusa, calçados, calça, terno (fato forrado), meia. Nas respostas, os participantes apresentaram o significado de todas as lexias. Percebemos que há uma variação para se referir à calça, pois os falantes informaram que usam *calça*, *pantalona* ou *túba*. Das três lexias, a última é típica da língua futa-fula. A primeira e a segunda se caracterizam como estrangeirismos advindos do português e do espanhol, respectivamente. Continuamos com a apresentação do campo relacionado às cores.



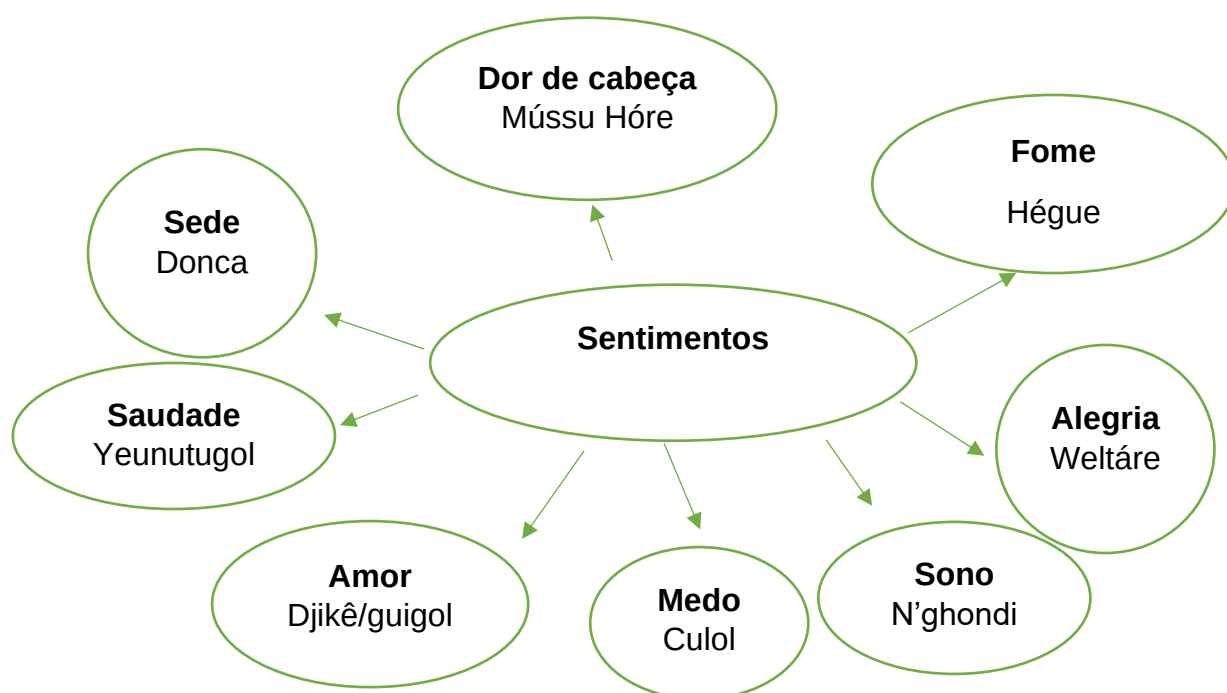
Na figura anterior, há oito lexias/vocabulários relacionados aos campos lexicais de cor (culer)¹¹: vermelho, azul, branco, verde, preto, amarelo, castanho e cinza. Não ocorreu, neste campo, variação ou ausência de referentes na língua futa-fula, ou seja, para cada lexia simples utilizada para se referir às cores em português foi apontada uma lexia simples como equivalente em futa-fula. Há uma lexia simples equivalente a cada cor selecionada em português. Assim, passamos para o campo das profissões.



¹¹ Não há uma lexia para se referir a cor em futa-fula. A lexia utilizada, “culer”, provém da língua fula da Guiné-Conacri, país de língua francesa que faz fronteira com Guiné-Bissau.

No campo relacionado à profissão, propomos, no questionário, dez lexias: professor, condutor, mecânico, costureiro, médico, jornalista, pescador, músico, agricultor e dançarino. Portanto, como é possível observar, os participantes conseguiram colocar o significado de todas as lexias. Observamos, ainda, que há duas variações, primeira diz respeito a lexia profissão (*metchê/ golêI*). A segunda é quando se referi ao professor. Segundo os dados, são usadas as formas *carmoco* ou *caramoco*. Sendo assim, é possível constatar na primeira lexia encontro consonantal da primeira sílaba com a segunda **rm** (*Car-mo-co*). Ao passo que na segunda forma, há acréscimo da vogal “a”, que com a junção da consoante de primeira sílaba, forma uma nova sílaba **ra** (*Ca-ra-mo-co*), trata-se, portanto, de uma variação decorrente da variação fonológica.

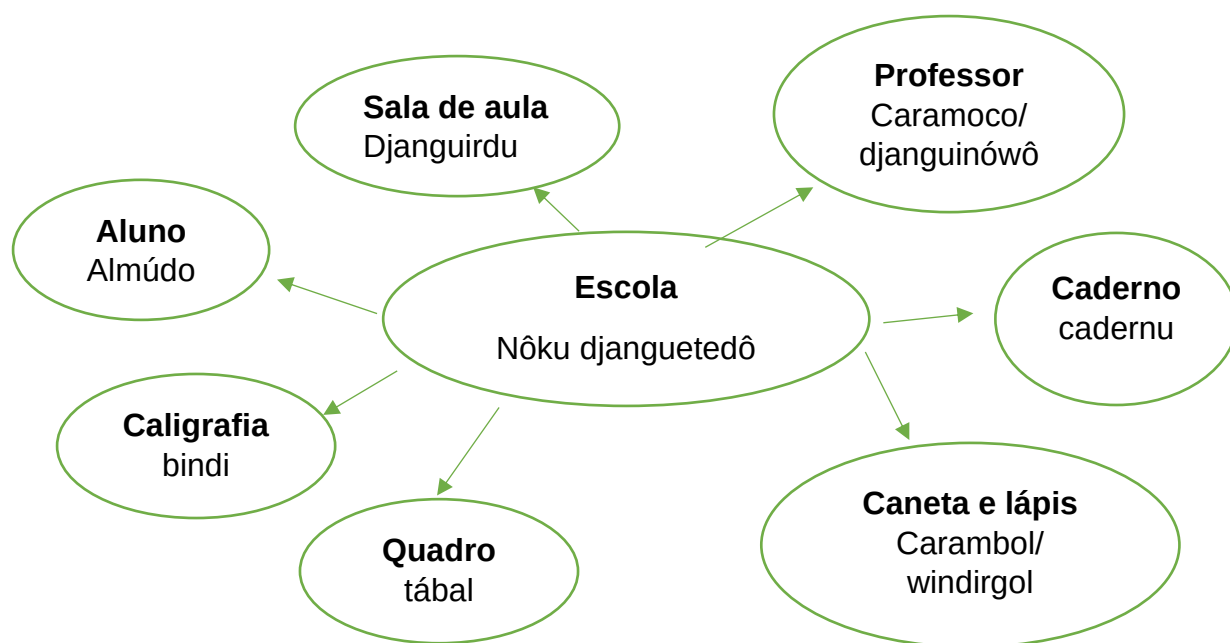
Ainda neste campo, percebemos três lexias compostas. Para se referir a mecânico e condutor acrescenta-se a lexia “carrudji” que significa carros, ou seja, aquele que conduz carros e aquele que conserta carros. Assim como em *yottinówô nelal* para jornalista, em português traduz-se para aquele que passa a informação. Passamos, a seguir, para o campo dos sentimentos.



No campo lexical de sentimento¹², selecionamos oito lexias relacionadas ao “sentir” físico e emocional, são elas: dor de cabeça, fome, sede, saudade, alegria, amor,

¹² Não foi mencionado pelos falantes de futa-fula um item lexical para se referir aos sentimentos de forma genérica.

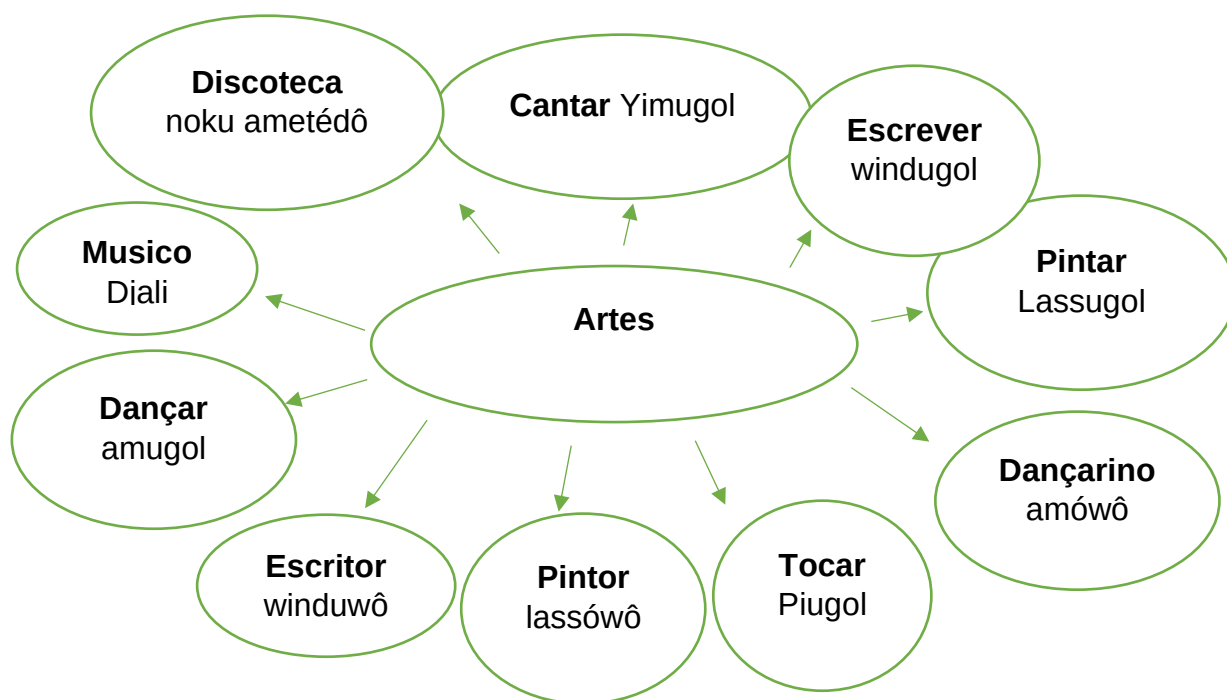
medo e sono. Nas respostas, obtivemos o significado de todos os equivalentes em futa-fula. Aqui, encontramos apenas uma variação para o vocabulário amor, visto que há falantes que usam a lexia *djikê* e outros *guigôl*. Discutiremos, na sequência, a composição do campo lexical da escola.



No penúltimo campo, ou seja, no campo lexical de escola, colocamos oito lexias: aluno, professor, sala de aula, caderno, lápis, caneta, escrita ou caligrafia, quadro. Nas respostas, os participantes nos apresentaram todos os referentes e neles há duas variações. A primeira é quando eles referem a lápis, usam as formas *carambol* ou *windirgol*. As duas lexias para nomear caneta e lápis, pois ambos se referem a objeto que se usa para escrever. No entanto, a primeira forma está relacionada à religião muçulmana, algo com o qual se escrevem os ensinamentos, enquanto a segunda forma é mais genérica.

A segunda variação diz respeito ao vocabulário professor, visto que pode se aplicar os lexemas *caramoco* ou *djanguinówô*, este último, não mencionado no campo das profissões, está relacionado àquele que ensina de forma geral, já *caramoco* está mais relacionado aos ensinamentos religiosos. Isso demonstra a relação língua-cultura, discutida anteriormente com base em (Mahadi et al, apud TAMBÁ e TIMBANE, 2020) e essencial para a compreensão contextualizada de algumas lexias. Além disso, constatamos que foram criados neologismos para nomear a lexia escola *nôku djanguetedô*, desse modo o *nôku* significa local e *djanguetedô* onde as pessoas leem.

Por fim, passamos ao campo das artes.



Finalmente, no campo lexical das artes¹³, é possível verificar dez lexias ou vocabulários apresentados pelos participantes e nelas/es, não há nenhuma variação. Por outro lado, encontramos neologismos na lexia discoteca (*noku ametédô*), dessa maneira, *noku* significa local e *ametédô*, onde se dança.

Diante dos campos apresentados, após a organização e análise das lexias, constatamos ausência de algumas lexias na língua futa-fula, assim como variações e presença dos neologismos e estrangeirismos.

Para fins de organização e consulta sobre as lexias apresentadas, apresentamos, no próximo tópico, o vocabulário dos campos em português, futa-fula e guineense¹⁴. Cada campo está organizado em ordem alfabética.

¹³ Não foi mencionado pelos falantes de futa-fula um item lexical para se referir às artes de forma genérica.

¹⁴ Optamos por acrescentar o equivalente na língua guineense por ser a língua franca e nacional de Guiné-Bissau, ou seja, é a língua que une todas as etnias. O pesquisador e os participantes da pesquisa são falantes de guineense como segunda língua.

6. Vocabulário Português/Futa-Fula/Guineense

Animais		
Português	Futa-fula	Guineense
Abelha	Nháki	baguéra
Cabra	M'béwa	kabra
Camaleão	Dónhorgal	camalion
Cão	Barero	Catchur
Cobra	M'boddi	kobra
Falcão	Seguelére	falkon
Galinha	Guertogal	Galinha
Lobo	Bonóru	lubu
Porco	Cocero ou Cumbaru	purcu
Vaca	Nagguê	bacha

Alimentação		
Português	Futa-fula	Guineense
Amendoim ou mancara	Guerte ou tiga	Mankara
Caldo de amendoim ou mancara	Máfe guerte/ máfe tiga	Caldu di mankara
Caldo de dendê ou tchabeu	Máfe tende, Máfe tugui, Bontê tugui	Caldu di tcheben
Comida	Nhámete	Kumida ou bianda
Cuscuz de mandioca	cuyá bantara ou cuyá	Cuscus di mandioka
Leite de vaca	Birádan Nagguê, cossan Nagguê, cossan	Liti di bacha
Mel	N'djúri	Mel
Quiabo	Tacu	Candja

Família		
Português	Futa-fula	Guineense
Avó	Pati	Dóna fémia
Avô	Máma ou soro	Dóna matchu
Cunhada	Ecirawo Debbo	Kunhadu
Cunhado	Eciráwo Gorco	kunhada
Mãe	Néne	Mamé
Pai	Bába	Papé
Sobrinha	Báddirawo Debbo	Subrinha
Sobrinho	Bádirawo Gorco	Subrinhu
Tia	Yáie	Tia
Tio	Cawu	Tio

Vestimentas ou indumentárias		
Português	Futa-fula	Guineense
Blusa	Wutte	Camissa

Calça	Calça/pantalon/ túba	Calsa
Calçados	Padde	sapátu
Meia	Meia	Meia
Terno (fato forrado)	Wutte Lamo	Fatu forradu

Cores		
Português	Futa-fula	Guineense
Amarelo	Nete	amarelu
Azul	M'bulu	Azul
Branco	Danne	brancu
Castanho	Sánho	castanhu
Cinza	N'dodi	Cinsa
Preto	Bale	Pretu
Verde	Háco	Verdi
Vermelho	Bodê	Burmedju

Profissões		
Português	Futa-fula	Guineense
Agricultor	Remówô	Labradur
Condutor	Doguinówô	Konditor
Costureiro	Nhowówô	Kussidur
Dançarino	Amówo	Badjadur
Jornalista	Yottinówo Nelal	Jornalista
Mecânico	Watówô Cárrudji	Mekánicu
Médico	nhaudówô	médicu
Músico	Yimóô	Cantadur
Pescador	Awówô	Piskadur
Professor	Carmoco, Caramoco, Doguinówô	Pursor

Sentimentos		
Português	Futa-fula	Guineense
Alegria	Weltáre	Contentamentu
Amor	Djike	Amor
Dor de cabeça	Mússu Hóre	Dur di kabeçã
Fome	Hégue	Fomi
Medo	Culol	Medu
Sede	Donca	Sedi
Sono	Ghondi	sónu
Saudade	Yeunutugol	saudadi

Escola		
Português	Futa-fula	Guineense
Aluno	Almúdô	Alunu
Caneta e lápis	Carambol/windirgol	Kaneta/ lápis
Escrita e caligrafia	Bindi	Scrita

Professor	Caramoco ou djanguinówô	Pursor
Sala de aula	Djanguirdu	Sala di aula

Artes		
Português	Futa-fula	Guineense
Cantar	Imugôl	Kanta
Cantor	Djali ou imówô	Cantadur
Dançar	Amugôl	Badja
Dançarino	Amówô	Badjadur
Discoteca	Noku ametedô	Discoteca ou salon
Escrever	Windugôl	Scrivi
Pintar	lassugol	Pinta
Pintar	Lassówô	Pintadur
Tocar	Piugol	Toka

7. Considerações finais

Neste trabalho, buscamos organizar o léxico da língua futa-fula de Guiné-Bissau em campos lexicais e propor um vocabulário com referentes na língua portuguesa e na língua guineense. Considerado que a língua em questão se caracteriza como língua oral, pretendemos, com o registro lexical, contribuir para os estudos e manutenção entre os falantes mais jovens.

Destacamos, após a análise, a relação entre o léxico e a cultura fula, marcadas nas lexias Carmoco, Caramoco, Doguinówô (professor) e Carambol/windirgol (caneta/lápis). Além disso, verificamos que na língua futa-fula da Guiné-Bissau ocorrem os processos naturais do contato entre as línguas: o de lexicalização (ou neologismo) e o uso de estrangeirismos.

Constatamos a presença de lexias simples e compostas, assim como nas línguas portuguesa e guineense. Outros pontos relevantes foram a variação de lexia para denominar um mesmo referente e a forma como ocorre a marcação do gênero em algumas lexias como Báddirawo Debbo e Báddirawo Gorco (sobrinho e sobrinha). Por outro lado, não constatamos, no *corpus* da pesquisa, a aplicação do processo de deslexicalização completa, nem de lexias complexas e textuais.

Cientes de que este trabalho possui limitações, esperamos contribuir para os estudos referentes às línguas étnicas de Guiné-Bissau, em especial a futa-fula, e despertar o interesse para a necessidade de que sejam realizadas pesquisas/estudos e registro das

línguas e suas culturas com vistas à sua manutenção e valorização no contexto multilíngue de Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: um estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

ALVES, Ieda Maria. **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. – São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

CÁ, Imelson Ntchala; RUBIO, Cássio Florêncio. **O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau**. Campinas, n (58.1):, jan./abr. 2019.

FROMM, Guilherme. **Dicionários em sala de aula**: como aproveitá-los bem. Domínios de Linguagem III – 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. **AMKOULLEL**: o menino fula. São Paulo: Acervo África, 2013. p.135-137.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/. -5.ed.-São Paulo: Atlas 2003.

MOURA, R.W.S.; **Fonologia segmental da fula falada na Guiné-Bissau**. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:< < https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3220/1/2007_RicardoWashingtondeSousaMoura.pdf >> acessado no dia 21 fev.2021.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Língua(gem) e cultura**: um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará. Tese de Doutorado. Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – Ceará, 2018.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TAMBÁ, Pansau; TIMABANE, Alexandre António. A política linguística na África e situação das línguas autóctones na educação: uma análise crítica das constituições. **Revista Digital de Políticas Linguísticas**. nº12, 2020,p.90.

UNESCO. (1996). Declaração Universal Dos Direitos Linguísticos. **Linguagem, Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem**. Disponível em: << <http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/quemsomos.php> >> Acesso em: 16 mar. 2021.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.